

Cortesã
POR UMA NOITE

CAPÍTULO 1

No instante em que Grant Morgan viu a mulher ele soube que, apesar da beleza, ela não podia ser a esposa de ninguém.

Ele seguia o barqueiro através da névoa, com a umidade fria agarrando-se a sua pele e formando gotas no casaco de lã. Mantinha as duas mãos enfiadas nos bolsos enquanto o olhar inquieto escrutinava ao seu redor. O Tâmis ganhava uma aparência escura e oleosa ao brilho mortiço dos lampiões pendurados nos blocos maciços de granito perto do atracadouro. Duas ou três pequenas barcas de passageiros cruzavam o rio, oscilando como brinquedos na água. Ondas geladas batiam nos degraus e contra um muro na margem. O vento invernal soprava contra o rosto e as orelhas de Grant e se insinuava para dentro de seu colarinho. Ele reprimiu um tremor enquanto fitava as águas escuras e agitadas. Ninguém conseguiria sobreviver muito mais do que vinte minutos no rio num dia daqueles.

– Onde está o corpo? – perguntou Grant, franzindo o cenho com impaciência.

Levou a mão ao bolso interno do casaco para encontrar o relógio.

– Não tenho a noite toda – emendou.

O barqueiro do Tâmis cambaleou ao virar a cabeça para olhar, irritado, para o homem que o seguia. Uma bruma cinza e amarelada os cercava, obrigando-o a estreitar os olhos para enxergar melhor.

– O senhor é o Morgan, não é? O Sr. Morgan em pessoa... Nossa, ninguém vai acreditar quando eu contar. Um homem que protege o próprio rei... Imaginava que o senhor estivesse acima de um serviço sujo como este.

– Infelizmente, não estou – resmungou Grant.

– Por aqui, senhor... E cuidado ao pisar. Os degraus ficam escorregadios demais perto da água, ainda mais em uma noite úmida como esta.

Grant trincou os dentes e desceu até alcançar o corpo pequeno e encharcado que jazia sobre os degraus do atracadouro. Em seu trabalho como patrulheiro, ele via cadáveres com frequência, mas vítimas de afogamento com certeza estavam entre as visões mais desagradáveis. O corpo tinha sido deixado de bruços, mas era claramente feminino. A mulher estava jogada, os braços afastados como os de uma boneca de pano abandonada por uma criança descuidada, a saia do vestido embolada ao redor das pernas.

Grant se agachou ao lado do corpo, segurou a mulher pelos ombros com as mãos enluvadas e começou a virá-la. Mas recuou na mesma hora, surpreso, quando ela começou a tossir e a vomitar água salgada, o corpo em espasmos.

O barqueiro deu um gemido de susto atrás de Grant, então se aproximou.

– Achei que estivesse morta – comentou o homem, a voz falhando de espanto. – Podia jurar que era um cadáver!

– Idiota – murmurou Grant.

Por quanto tempo aquela pobre mulher ficara exposta ao frio enquanto o barqueiro mandara chamar um patrulheiro da central da Bow Street para investigar o caso? Suas chances de sobrevivência seriam muito maiores se ela tivesse recebido cuidados médicos imediatamente depois de ter sido encontrada. Agora, não seriam nada boas.

Grant virou a mulher e pousou a cabeça dela em seu colo, os longos cabelos ensopando a calça dele. A pele dela parecia acinzentada à luz mortífera e havia um inchaço na lateral da cabeça. Mesmo assim, as feições delicadas e marcantes eram reconhecíveis. Grant sabia quem ela era.

– Meu Deus – sussurrou ele.

Grant tinha como lema nunca se surpreender com nada, mas encontrar Vivien Rose Duvall ali, daquele jeito... era inconcebível.

Ela entreabriu os olhos, a expressão embotada ao se dar conta da proximidade da morte. Mas Vivien não era o tipo de mulher que cedesse sem lutar. Ela gemeu e esticou a mão, roçando a frente do colete dele em uma tentativa febril de se salvar. Grant entrou em ação na mesma hora – passou os braços ao redor de Vivien e a ergueu no colo. Ela era uma mulher pequena e leve, mas a saia encharcada fazia seu peso quase dobrar. Grant a apoiou no peito e deixou escapar um grunhido de

desconforto quando a água salgada e gelada ensopou as roupas dele também.

– Vai levá-la para a Bow Street, Sr. Morgan? – perguntou o barqueiro, com seu sotaque carregado, e apressou o passo para conseguir acompanhar Grant, que subia dois degraus de cada vez. – Acho que devo ir também e deixar meu nome com sir Ross. Fiz um favor a alguém, não é? Encontrei a dama antes que ela morresse. Não aceitaria nenhum agradecimento, é claro... simplesmente ter feito a coisa certa já é o bastante... mas pode haver uma recompensa, não é mesmo?

– Encontre o Dr. Jacob Linley – disse Grant, apressado, interrompendo as especulações gananciosas do homem. – Ele costuma estar no café do Tom a esta hora da noite. Diga-lhe que vá até a minha casa, na King Street.

– Não posso – protestou o barqueiro. – Tenho que trabalhar, o senhor sabe. Ora, ainda posso ganhar 5 xelins esta noite.

– Será pago quando levar Linley até a King Street.

– E se eu não conseguir encontrá-lo?

– Você *vai* chegar com ele à minha casa em meia hora – falou Grant, irritado. – Caso contrário, mandarei confiscar seu barco e ainda lhe conseguirei uma estadia de três dias em uma cela de prisão. Essa motivação é suficiente?

– Sempre achei que o senhor fosse um homem bom – comentou o barqueiro. – Até conhecê-lo pessoalmente. O senhor não é nada como escrevem nos jornais. Passei horas nas tavernas enquanto as pessoas liam os seus feitos em voz alta...

Ele se afastou, o desapontamento evidente em seu corpo pequeno e robusto.

A boca de Grant se curvou em um sorriso sombrio. Sabia muito bem como suas façanhas eram descritas nos jornais. Os editores e repórteres exageravam suas realizações a ponto de ele parecer super-humano. As pessoas o viam como uma lenda, não como um homem normal, com defeitos.

Ele tornara seu trabalho de patrulheiro altamente rentável e ganhava uma fortuna ao recuperar bens roubados de bancos. De vez em quando Grant também atuava em outros tipos de casos – já localizara uma herdeira sequestrada, servira na guarda pessoal de um rei em visita à

cidade, rastreara assassinos –, mas os bancos eram sempre seus clientes preferidos. A cada caso resolvido, mais conhecido ele ficava, até que se tornara assunto das conversas em todos os cafés e tavernas de Londres.

Para a surpresa de Grant, a aristocracia o acolhera em seu seio adornado de joias e clamava por sua presença nos eventos sociais. Dizia-se que o sucesso de um baile estava garantido se a anfitriã pudesse escrever “O Sr. Morgan estará presente” na parte de baixo do convite. Ainda assim, apesar de toda a popularidade de Grant entre a nobreza, estava claro para todos que ele não pertencia ao grupo. Era mais uma figura decorativa do que um membro aceito nos altos círculos sociais que frequentava. As mulheres ficavam empolgadas com a ideia de ele ser um personagem potencialmente perigoso, e os homens desejavam sua amizade para parecerem, eles mesmos, mais corajosos e vividos.

Grant tinha consciência de que nunca seria acolhido naquele meio, a não ser da forma mais superficial. E nunca teria a confiança da aristocracia... Afinal, sabia demais sobre os segredinhos sujos de seus membros, sobre suas vulnerabilidades, seus medos e desejos.

Uma rajada de vento frio o envolveu, fazendo a mulher em seus braços gemer e tremer. Grant segurou mais firme a carga incômoda, deixou a margem do rio e atravessou a rua de paralelepípedos coberta de lama e esterco. Seguiu por um pátio pequeno com barris cheios de água parada, um chiqueiro fétido e um carrinho com as rodas quebradas. Covent Garden tinha diversos pátios como aquele, de onde pardieiros sombrios e tortuosos se espalhavam em uma teia doentia. Qualquer cavalheiro em seu juízo perfeito ficaria apavorado ao se aventurar naquela área da cidade cheia de antros de ladrões, prostitutas, valentões e criminosos que matariam por poucos xelins. Mas Grant dificilmente poderia ser descrito como um cavalheiro, e o submundo londrino não o assustava.

A cabeça da mulher balançou contra o ombro dele. Grant sentiu a respiração fraca, o hálito frio em seu queixo.

– Ora, Vivien – murmurou ele –, já houve um tempo em que eu a quis nos meus braços... mas não era bem isso que eu tinha em mente.

Achava difícil acreditar que carregava a mulher mais desejada de Londres em meio às barracas decadentes e aos estábulos abertos de Covent Garden. Açougueiros e vendedores ambulantes paravam para

fitá-los com curiosidade, enquanto prostitutas se aventuravam das sombras.

– Aqui, rapaz – chamou uma mulher de rosto encovado, que mais parecia um espantalho. – Tenho uma bela tigela de creme fresco para você!

– Outra hora – respondeu Grant em tom sarcástico, ignorando o grasnado ansioso da dama da noite.

Ele atravessou o lado noroeste da praça e chegou à King Street, onde os prédios decrepitos davam lugar a uma harmoniosa fileira de casas geminadas, cafés e uma ou duas editoras. Era uma rua limpa e próspera, de residências com fachada arcada habitadas pela classe alta da cidade. Grant havia comprado ali uma casa elegante e arejada de três andares. A agitação da central da Bow Street ficava a uma curta distância, mas ao mesmo tempo parecia bem longe da serenidade de seu lar.

Grant subiu às pressas os degraus da entrada e deu um sonoro chute na porta da frente, de mogno. Como não houve resposta, se afastou e chutou de novo. Então, de repente, a governanta surgiu, já protestando contra o tratamento que o patrão estava dando ao painel de madeira encerada.

A Sra. Buttons era uma mulher de feições agradáveis, com cerca de 50 anos, boa de coração, mas contida, determinada e com convicções religiosas muito fortes. Não era segredo que ela desaprovava a profissão de Grant e que abominava a violência física e a corrupção com que ele lidava no cotidiano. Ainda assim, a governanta recebia sem reclamar a ampla gama de visitantes do submundo que apareciam na casa, tratando todos com um misto de educação e reserva.

Como os outros patrulheiros da central da Bow Street que trabalhavam sob o comando de sir Ross Cannon, Grant acabara tão imerso no mundo do crime que às vezes se questionava até que ponto ele mesmo era diferente dos homens que perseguia. A Sra. Buttons certa vez lhe dissera que tinha esperança de que ele algum dia aceitasse a luz da verdade cristã.

– Estou aquém de qualquer salvação – retrucara Grant, com animação. – É melhor que dirija suas atenções para um objetivo mais alcançável, Sra. Buttons.

Ao ver a carga encharcada nos braços do patrão, o rosto

normalmente impassível da governanta demonstrou seu espanto.

– Santo Deus! – exclamou ela. – O que aconteceu?

Os músculos de Grant começavam a sentir o cansaço causado pelo esforço de carregar a mulher por tanto tempo.

– Um quase afogamento – disse ele sem maiores explicações e passou pela governanta em direção à escada. – Vou levá-la para meu quarto.

– Mas como? Quem? – reagiu a Sra. Buttons em um arquejo enquanto fazia um esforço visível para se recuperar. – Ela não deveria ser levada a um hospital?

– É uma conhecida minha – falou Grant. – Quero que seja examinada por um médico particular. Só Deus sabe o que fariam com ela em um hospital.

– Uma conhecida – repetiu a governanta, apressando-se para acompanhar os passos rápidos de Grant.

Estava claro que a mulher ardia de curiosidade, mas não fazia mais perguntas.

– É uma dama da noite, na verdade – disse Grant, em tom sarcástico.

– Uma dama da... e o senhor a trouxe para cá... – falou a Sra. Buttons, com ar de desaprovação. – O senhor se superou mais uma vez.

Um breve sorriso curvou os lábios de Grant.

– Obrigado.

– Não foi um elogio. Sr. Morgan, não prefere que eu mande preparar um dos quartos de hóspedes?

– Ela vai ficar no meu quarto – afirmou Grant de uma forma que não admitia discussão.

A Sra. Buttons franziu o cenho e orientou uma criada a secar as poças deixadas no chão de mármore âmbar da entrada.

A casa, com suas longas janelas, mobília no estilo de Thomas Sheraton e tapetes artesanais ingleses, era o tipo de lugar em que Grant nunca sequer sonhara morar. Era uma realidade muito distante do apartamento em que vivia quando pequeno: três cômodos para um vendedor de livros de classe média, a esposa e oito filhos. Ou da sucessão de orfanatos e reformatórios que vieram depois que o pai de Grant foi posto na prisão por suas dívidas e a família se dilacerou.

Grant acabou nas ruas, até que um peixeiro de Covent Garden se compadeceu dele e lhe deu um trabalho fixo e um catre para dormir à

noite. Enrodilhado perto do calor do fogão na cozinha, Grant sonhava com algo melhor, embora seus sonhos nunca tivessem tomado uma forma precisa até o dia em que ele deparou com um patrulheiro da central da Bow Street.

O patrulheiro estava fazendo a ronda no mercado cheio que ocupava a praça e pegou um ladrão que havia roubado um peixe. Grant arregalara os olhos ao ver o patrulheiro em seu colete vermelho, armado com pistolas e alfange. Aos olhos do menino, o homem parecia maior, mais elegante e poderoso do que as pessoas comuns. Grant soubera na mesma hora que sua única esperança de escapar da vida que tinha era tornar-se um patrulheiro. Assim, aos 18 anos, ele se candidatara a integrar o pelotão que fazia a ronda noturna das ruas. Um ano depois, fora promovido à ronda diurna e, alguns meses mais tarde, escolhido por sir Ross Cannon para tomar parte em seu seletivo grupo de seis patrulheiros de elite.

Para provar seu valor, Grant mergulhara no trabalho com uma dedicação inesgotável, tratando cada caso como uma vingança pessoal. Ele fazia o que fosse necessário para capturar um culpado. Certa vez chegara a atravessar o Canal da Mancha atrás de um assassino, que prendera na França. Com sucesso após sucesso, Grant começara a cobrar somas exorbitantes por seus serviços particulares, o que só fez com que eles fossem mais disputados.

Ele seguira o conselho de um cliente rico que lhe devia um favor e investira em empresas têxteis e de navegação. Era também dono de metade de um hotel e comprara várias propriedades no lado oeste de Londres. Com alguma sorte e determinação, Grant chegara mais longe do que qualquer um teria previsto. Aos 30 anos, poderia se aposentar com uma fortuna confortável se desejasse. Mas ele não conseguia se afastar do trabalho da Bow Street. A emoção da caçada e a sedução do perigo eram necessidades fortes, quase físicas, que ele parecia nunca satisfazer. Não se dava o trabalho de tentar entender por que não conseguia se acomodar e levar uma vida normal, mas tinha certeza de que a resposta não seria um elogio a seu caráter.

Grant chegou ao quarto e pôs Vivien sobre a enorme cama de dossel com grinaldas entalhadas na cabeceira e nos pés. A maior parte da mobília, inclusive a cama, fora feita sob medida para acomodar as

proporções dele. Grant era um homem alto e grande para o qual a parte de cima dos batentes das portas e as vigas nos tetos costumavam se mostrar um risco frequente.

– Ah, a colcha! – exclamou a Sra. Buttons ao ver as roupas de Vivien ensoparem o veludo grosso bordado em seda dourada e azul. – Ficaré arruinada!

– Então comprarei outra – disse Grant.

Ele flexionou os braços exaustos e despiu o casaco encharcado, que largou no chão. Então se inclinou na direção da silhueta imóvel de Vivien com a intenção de remover as roupas dela o mais rápido possível. Puxou a frente do vestido, mas os botões e os ganchos permaneceram teimosamente agarrados à lã encharcada. Grant deixou escapar um palavrão.

Ainda reclamando do estrago que estava sendo feito à colcha de veludo, a Sra. Buttons tentou ajudá-lo, mas logo se afastou com um suspiro de frustração.

– Acho que teremos que cortar as roupas. Devo pegar a tesoura?

Grant fez que não com a cabeça e enfiou a mão na bota direita. Em um movimento fluido, nascido do longo hábito, pegou uma faca de cabo de madrepérola com uma lâmina afiada de quase um palmo.

A governanta arquejou ao ver o patrão começar a cortar a lã grossa do corpete do vestido como se fosse manteiga.

– Meu Deus – balbuciou.

Grant se concentrou na tarefa.

– Ninguém maneja uma faca tão bem quanto um ex-peixeiro de Covent Garden – comentou ele, sarcástico, enquanto abria as laterais do vestido para revelar a roupa de baixo de linho branco de boa qualidade.

A camisa de baixo de Vivien também estava, naturalmente, encharcada e colada à pele muito branca, deixando entrever os contornos rosados dos bicos dos seios. Embora Grant já tivesse visto inúmeros corpos femininos, algo na seminudez de Vivien o fez hesitar. Ele se esforçou para afastar a sensação inexplicável de estar violando algo – alguém – suave e virginal. O que era absurdo, levando-se em conta o fato de que Vivien Duvall era uma cortesã.

– Sr. Morgan – disse a governanta, torcendo as pontas do grande

avental branco –, se preferir, posso pedir a uma das criadas que me ajude a despir a Srta...

– Duvall – completou Grant, em voz baixa.

– A despir a Srta. Duvall.

– Eu mesmo cuidarei de nossa hóspede – murmurou Grant. – E posso apostar que muitos homens já tiveram o privilégio de ver a Srta. Duvall nua. Ela seria a primeira a dizer “Faça o que tem que ser feito e o recato que se dane”.

Além do mais, depois de todo o esforço que fizera naquela noite, ele achava que tinha direito àquele pequeno prazer.

– Sim, senhor.

A Sra. Buttons o encarou com uma expressão pensativa, como se Grant não estivesse se comportando da forma habitual. E talvez não estivesse mesmo. Uma sensação estranha o dominou, o frio do lado de fora se misturando ao calor que ardia em seu íntimo.

Com uma fisionomia inescrutável, Grant continuou a cortar as roupas molhadas, passando a faca por uma manga e então pela outra. Quando levantou a parte superior do corpo delgado de Vivien e arrancou dele a lã molhada, alguém entrou pela porta entreaberta e arquejou alto.

Era Kellow, o valete dele, um jovem muito sério com uma calvície prematura e óculos redondos firmemente posicionados sobre o nariz. Os olhos arregalados quase saltaram das órbitas quando ele deparou com o patrão parado empunhando uma faca acima de uma mulher seminua e inconsciente.

– Meu santo Deus!

Grant se virou para encarar o valete com uma expressão feroz.

– Tente ser útil, certo? Pegue uma das minhas camisas. E algumas toalhas. E, pensando bem, chá e conhaque. Agora, *rápido*.

Kellow ia dizer algo, mas pareceu pensar melhor e foi pegar o que fora pedido. Desviou os olhos da mulher na cama, entregou uma camisa limpa à Sra. Buttons e saiu do quarto às pressas.

A crescente necessidade de Grant de vestir e aquecer Vivien superou qualquer desejo de vê-la nua. Ele teve apenas um breve vislumbre do corpo enquanto enfiava os braços dela pelas mangas longas da camisa, com a ajuda da governanta. Mas o cérebro dele gravou aquela imagem para ser saboreada mais tarde.